



AFROCENTRICIDADE: BASES TEÓRICO- EPISTEMOLÓGICAS AFRICANAS E AFRO-DIASPÓRICAS PARA REPENSAR A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

*Lívia Torquato Ventura Canuto¹,
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF*

*Nanny Zuluaga Henao²
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF*

*Roberta Dos Santos Gregório Neves³
Professora de Geografia da escola FIRJAN/SESI*

*Selmara De Castro Balbino⁴
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFJF*

Resumo: Este artigo é fruto de nossas vivências na disciplina *Filosofias Africanas e Afrodiaspóricas* cursada em um Programa de Pós-Graduação em Educação. Objetivamos apresentar intelectuais africanos e afro-diaspóricos que foram excluídos dos currículos oficiais acadêmicos por confrontarem diretamente o eurocentrismo. Destacamos algumas bases teóricas, já existentes, de autores internacionais e nacionais que contribuíram com novas propostas epistemológicas, nos concentrando no pensamento filosófico da *Afrocentricidade*. Pensamos que ressaltar a contribuição de intelectuais afrocentrados possa ser um caminho para novas pedagogias que proporcionem uma mudança curricular na formação de professores. Portanto, compreendemos que a *Afrocentricidade* seja um dos caminhos para disputar por novas epistemes que nos direcione para uma educação mais equânime num futuro próximo.

¹ / Licenciada em Química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. <https://orcid.org/0000-0001-7343-5898>

² Trabalhadora Social pela Universidad de Antioquia (UdeA). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Poeta, editora e tradutora independente.

³ Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Professora de Geografia da escola FIRJAN/SESI e do Curso Normal da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro./ orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9447-5976>

⁴ Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Possui especialização em História da África pela UFJF. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFJF./ orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5577-6841>



Palavras-Chave: Filosofia Africana; Intelectuais Negros; Afrocentricidade; Educação das Relações Étnico-Raciais; Formação de Professores.

**AFROCENTRICITY: AFRICAN AND AFRO-DIASPORIC
THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL BASIS FOR RETHINKING
BRAZILIAN EDUCATION**

Abstract: This article is the result of our experiences in the discipline *African and Afrodiasporic Philosophies* studied in a Graduate Program in Education. We aim to present African and Afro-diasporic intellectuals who were excluded from official academic curricula for directly confronting Eurocentrism. We highlight some existing theoretical bases of international and national authors who contributed with new epistemological proposals, focusing on the philosophical thinking of *Afrocentricity*. We think that highlighting the contribution of Afro-centered intellectuals can be a path to new pedagogies that provide a curricular change in teacher training. Therefore, we understand that *Afrocentricity* is one of the ways to fight for new epistemes that direct us towards a more equitable education in the near future.

Keywords: African Philosophy; Black Intellectuals; Afrocentricity; Education of Ethnic-Racial Relations; Teacher training.

**AFROCENTRICIDAD: BASE TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA
AFRICANA Y AFRO-DIASPÓRICA PARA REPENSAR LA EDUCACIÓN
BRASILEÑA**

Resumen: Este artículo es el resultado de nuestras experiencias en la disciplina *Filosofías Africanas y Afrodiaspóricas* cursada en el Programa de Posgrado en Educación. Nuestro objetivo es presentar intelectuales africanos y afro-diaspóricos que fueron excluidos de los currículos académicos oficiales por confrontar directamente el eurocentrismo. Destacamos algunas bases teóricas existentes de autores internacionales y nacionales que contribuyeron con nuevas propuestas epistemológicas, enfocándonos en el pensamiento filosófico del *Afrocentrismo*. Pensamos que resaltar el aporte de los intelectuales afrocentrados puede ser un camino hacia nuevas pedagogías que aporten un cambio curricular en la formación docente. Por tanto, entendemos que el *Afrocentrismo* es una de las vías para luchar por nuevas epistemes que nos encaminen hacia una educación más equitativa en un futuro próximo.

Palabras-clave: Filosofía Africana; Intelectuales Negros; Afrocentrismo; Educación de las Relaciones Étnico-Raciales; Formación de Profesores.

**AFROCENTRICITÉ : BASE THÉORIQUE-ÉPISTEMOLOGIQUE
AFRICAINNE ET AFRO-DIASPORIQUE POUR REPENSER L'ÉDUCATION
BRÉSILIENNE**

Résumé: Cet article est le résultat de nos expériences dans la discipline *Philosophies Africaines et Afrodiasporiques* étudiées dans un programme d'études supérieures en éducation. Notre objectif est de présenter des intellectuels africains et afro-



diasporiques qui ont été exclus des cursus académiques officiels pour s'être directement confrontés à l'eurocentrisme. Nous mettons en évidence certaines bases théoriques existantes d'auteurs internationaux et nationaux qui ont contribué à de nouvelles propositions épistémologiques, en se concentrant sur la pensée philosophique de *l'Afrocentricité*. Nous pensons que la mise en valeur de la contribution des intellectuels afro-centrés peut être une voie vers de nouvelles pédagogies qui apportent un changement curriculaire dans la formation des enseignants. Par conséquent, nous comprenons que *l'Afrocentricité* est l'un des moyens de lutter pour de nouvelles épistémologie qui nous orientent vers une éducation plus équitable dans un avenir proche.

Mots-clés: Philosophie Africaine; Intellectuels Noirs; Afrocentricité; Éducation aux Relations Ethniques et Raciales; Formation des Enseignants.

EM BUSCA DE UMA INTRODUÇÃO

O ilustre intelectual brasileiro Milton Santos⁵ - que se auto declarava um cidadão do mundo - afirmou: “O que até então se chamava de história universal era a visão pretensiosa de um país ou continente sobre os outros, considerados bárbaros ou irrelevantes. Chegava-se a dizer de tal ou tal povo que ele era sem história...” (SANTOS, 2001, p. 170). Complementando a afirmativa, o Prof. PhD Molefi Asante⁶, nos adverte

⁵ **Milton Santos** (1926-2001) Considerado um dos mais renomados intelectuais do século XX, foi um dos grandes nomes da renovação da Geografia, apesar da sua graduação em Direito, suas pesquisas e pós-graduações foram em Geografia. Sua obra caracterizou-se por apresentar um posicionamento crítico ao sistema capitalista e aos pressupostos teóricos dominantes na Geografia de seu tempo. Em 1964, foi preso pelo Governo Militar e, após ser solto, recebeu vários convites para trabalhar em universidades no exterior, tais como: Universidade Sorbonne (França), Universidade Columbia (EUA), Universidade de Toronto (Canadá) e na Universidade de Dar es Salaam (Tanzânia). Depois de 13 anos retornou para o Brasil, lecionando na Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da USP, onde dedicou seus trabalhos até o fim da vida. Conciliou suas atividades acadêmicas com consultorias à OIT, a OEA e a UNESCO. Escreveu mais de 40 livros, publicados em vários países. Recebeu diversos títulos acadêmicos e honorários, o maior deles foi o *Prêmio Vautrin Lud* de 1994, na França, uma espécie de Nobel na área da Geografia. Em 1 de outubro de 2018, 24 anos após a premiação, o Google homenageou Milton Santos com um Doodle em sua rede mundial. Esse destaque só é dado a contribuições relevantes de personalidades das mais variadas áreas para a história da humanidade.

⁶ **Molefi Kete Asante** (/ ə s æ n t eɪ / ə- SAN -tay; nascido Arthur Lee Smith Jr; em 14 de agosto de 1942) é um professor e filósofo estadunidense com destaque nas áreas de estudos afro-americanos, estudos africanos e estudos de comunicação. Após uma viagem a Gana, optou por fazer uma mudança legal de nome porque considerava "Arthur Lee Smith" um nome associado ao passado da escravidão. Resolveu adotar o nome Sotho Molefi, que significa "Aquele que dá e mantém as tradições" e o sobrenome Kete Asante, da língua twi: “Meu pai ficou feliz”. Asante chegou a trabalhar em campos de algodão, junto de alguns de seus familiares, para conseguir concluir seus estudos básicos nos anos 50. Autor de mais de 66 livros, editor fundador do ‘Journal of Black Studies’, atualmente é professor no Departamento de Africologia da Universidade de Temple, onde fundou o primeiro programa de doutorado em Estudos Afro-americanos. Presidente do ‘Molefi Kete Asante Institute for Afrocentric Studies’ o pesquisador é mais conhecido por seus escritos sobre *Afrocentricidade*, uma escola de pensamento que influenciou os campos da sociologia, comunicação intercultural, teoria crítica, ciência política, serviço social e história da África.



que “tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que em qualquer avaliação de suas condições em qualquer país, seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora.” (ASANTE, 2009, p. 93. In: NASCIMENTO, 2009).

A objetivação e o universalismo do eurocentrismo não permitiram uma compreensão de mundo que pudesse incentivar a busca do conhecimento pluriversal. Consequentemente, houve a exclusão, por séculos, de filósofos e pesquisadores dos diversos campos de conhecimento, algo que culminou no perigo de uma história única (ADICHE, 2019), que além de racista, nos relegou a problemas em diferentes setores mundiais, tais como: econômicos, sociais, políticos, ambientais, educacionais, dentre outros.

Especialmente no campo educacional brasileiro, o silenciamento de saberes e epistemes, que garantam a voz da diversidade cultural dos povos indígenas e, mais fortemente, dos afrodescendentes, promove contradições, tensões e dificuldades pedagógicas que se materializam no espaço escolar, gerando uma territorialidade hostil para boa parte dos professores e estudantes, especialmente, para quem é negro.

Além disso, a invisibilização de teóricos e cosmovisões não ocidentais, dificultam o cumprimento da Lei n.º. 10.639/03⁷, que dispõe sobre a obrigatoriedade na inclusão curricular do ensino de História e Cultura da África e Afro-brasileira em todas as escolas do país.

O Brasil é o segundo país com maior contingente de negros do mundo, sendo cerca de 56% da sua população (IBGE, 2022), este percentual é apenas inferior em relação a Nigéria que tem sua população composta pela maioria absoluta de negros. Em relação aos direitos da população negra no Brasil, compreendemos que seja necessário refletirmos acerca da constante negação de seus direitos.

No campo educacional, observamos que essa negação inicia-se com a não participação do povo negro no planejamento e na organização das propostas pedagógicas do ensino. Mais do que negar, nosso país, seguindo os passos do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), ocasionou o epistemicídio de grandes escritores e intelectuais negros

⁷ A Lei n.º. 10.639/03 foi complementada pela Lei n.º 11.645/08 que dispõe sobre a obrigatoriedade na inclusão curricular do ensino de História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena em todas as escolas do país.



nacionais e internacionais. Abdias Nascimento (2016), foi um dos precursores dessa discussão no Brasil sobre o que chamou de *anomalia racial*, apontando os diversos genocídios e epistemicídios que ocorrem ao longo de nossa história, a tudo que se refere a população afrodescendente, seus saberes ancestrais, suas contribuições tecnológicas e sua contemporaneidade. O próprio autor teve grandes dificuldades de levar ao mundo acadêmico suas pesquisas.

Graças ao intenso trabalho de ativismo do Movimento Negro e a conquista de políticas públicas como a Lei nº 12.711/12 que dispõe sobre as Cotas Raciais na Universidade, foi possível promover e aprofundar estudos acerca das temáticas raciais, afro-diaspóricas e africanas. Diante desse fato, o atual trabalho se propõe a fazer uma breve reflexão sobre como os mecanismos construídos na filosofia ocidental se legitimaram e buscaram excluir o continente africano da história. Assim como estudar os novos rumos que os africanos e afro-diaspóricos, deram às pesquisas acerca do pensamento filosófico africano, criando novas epistemes e metodologias.

Neste artigo analisamos o referencial da *Afrocentricidade* idealizada pelo Prof. PhD Molefi Asante. A proposta *Afrocentrista* parte do pressuposto que as pesquisas eurocêntricas sempre se pautaram na *objetificação* do continente africano ou das pessoas negras. Ou seja, a ideia de que existe uma distância intransponível entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, para garantir uma *neutralidade* ao fazer pesquisa. Porém, isto, além de ser inexecutável, desconsidera importantes facetas tanto dos sujeitos pesquisados quanto do próprio pesquisador.

A principal crítica de Asante se baseia no fato de que, quando se fala em pesquisas sobre as nações, povos e geografias africanas, o questionamento é: o quanto de África existe nas pesquisas sobre os africanos? E, quantos acadêmicos africanos são referenciados nesses estudos? No caso do Brasil, se refletirmos sobre o universo acadêmico, o quantitativo de pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação que referenciam autores, metodologias e epistemes afrocentradas é ínfimo comparado ao montante das demais pesquisas. Isto se confirma ao analisarmos que, somente em 2018, no Brasil, tivemos a primeira tese defendida sobre Filosofias Africanas intitulada *Filosofia desde África: Perspectivas Descoloniais* (DANTAS, 2018).

Segundo Elisa Larkin (2009) a demanda por novas pesquisas com inovadoras bases epistemológicas faz-se necessária em quantidade e qualidade, “pois a distorção, a



escamoteação e a falta de referências sobre a história e a cultura africana desembocam no desconhecimento de suas raízes, que são também as raízes do Brasil e dos países da diáspora” (NASCIMENTO, 2009, p. 21). Portanto, buscamos, com este artigo, trazer alguns apontamentos históricos que corroboram com a importância de uma visão, que além de confrontar o eurocentrismo, também possa apontar bases teóricas, já existentes, de autores africanos e afro-diaspóricos. No intuito de ressaltar a contribuição de intelectuais afrocentrados para as propostas pedagógicas que objetivem uma mudança curricular na formação de professores e uma educação mais equânime num futuro próximo.

A AUSÊNCIA DAS FILOSOFIAS AFRICANAS NA EDUCAÇÃO

Iniciamos essa seção relatando a nossa experiência ao adentrarmos a disciplina *Filosofia Africana e Afrodiaspórica*. Era um mundo desconhecido. Não sabíamos o que viria pela frente. Pensar em filósofos africanos não era algo tangível para nós. Conhecíamos intelectuais negros tais como: Lélia Gonzales, Abdias do Nascimento⁸, bell hooks, Frantz Fanon. Mas referenciais de filósofos africanos, não sabíamos citar um.

Ao fim do período, lembramos de um livro: *O mundo de Sofia*. Uma espécie de romance que se emaranha com a filosofia. Retornamos ao sumário do livro para recordar em que momento a história começa. *O Jardim do Éden* é o título do primeiro capítulo e logo em seguida *Os filósofos da Natureza*. O ano da primeira publicação desta obra é 1991. Se o primeiro curso de Filosofia Africana foi criado em 1987 e o continente africano apresenta contribuições desde 3.100 a.E.C.⁹, o que faz com que um livro sobre filosofia não tenha um parágrafo sequer sobre as Filosofias Africanas? A única menção a um país africano é ao tomar a experiência do *primeiro* filósofo Tales de Mileto: “Quando esteve

⁸ **Abdias do Nascimento** (1914-2011) foi o criador do Teatro Experimental do Negro (TEN), do Museu da Arte Negra (MAN) e do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Em sua carreira como professor, ao ser exilado do Brasil, lecionou na Universidade Estadual de Nova York, na qual foi professor emérito. Idealizador do Memorial Zumbi e do Movimento Negro Unificado (MNU). Na carreira política, atuou no Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965). Em 1981, fundou o Partido Democrático Trabalhista. Foi Deputado Federal e Senador da República. No estado do Rio de Janeiro, foi secretário de governo. Um dos nomes da Frente Negra Brasileira, da Negritude e do Pan-Africanismo. Suas obras mais conhecidas são: *O Genocídio do Negro Brasileiro* e *O Quilombismo*.

⁹ Utilizamos, ao longo deste artigo, como marco temporal as abreviações “a.E.C.” para nos referir a *antes da Era Comum* e “d.E.C.” para *depois da Era Comum*.



no Egito, certamente Tales pôde observar no delta do Nilo como os campos inundados se tornavam férteis depois que as águas recuavam. Talvez também tenha visto como do nada surgem sapos e rãs e como o campo fica verde após a chuva.” (GAARDER, 2020, p. 45). É curioso pensar nessa observação de Tales de Mileto: não haveria rios pela Grécia para constatar a fertilidade do solo? E sapos e rãs, surgiam do nada? É notório o silenciamento de qualquer contribuição dos pensamentos que já existiam sobre o Egito, de todo o conhecimento já elaborado. Vemos nesse trecho do livro o epistemicídio das contribuições africanas.

É partindo desse episódio que refletimos sobre a nossa formação tanto em nível básico, superior e na pós-graduação. O primeiro relato, no início da disciplina, era a alegria da presença de um docente negro na universidade e de uma disciplina com a base epistemológica extremamente diferente de nossa formação. A diversidade dos alunos da turma (que vieram do Serviço Social, Geografia, Química, Direito, Ciência da Religião, Turismo, Matemática, Letras e Pedagogia), em um primeiro momento, parecia algo desafiador. Mas, mesmo com essa diversidade de formações, não houve um único relato acerca da presença de autores africanos/as nos seus respectivos cursos.

É pensando nisso, que precisamos fazer uma reflexão acerca dos seguintes pontos: i. os silenciamentos de autores e corpos negros pensante na nossa formação; ii. a não aceitação de pensamentos filosóficos africanos; iii. apontar como as pesquisas dos intelectuais africanos e diaspóricos desmontam toda a estrutura do eurocentrismo: suas formas de exploração econômico-social sobre o mundo, especialmente, sobre o continente africano e sobre os corpos negros - destinados a serem eternas mãos-de-obra baratas na vigência do sistema econômico capitalista e nunca vistos como produtores do conhecimento.

O NEGACIONISMO CIENTÍFICO SOBRE A HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO AFRICANO E A RENASCENÇA AFRICANA¹⁰

De acordo com o filósofo Luís Thiago Dantas e Roberto Jardim Silva:

¹⁰ O Prof. Dr. Luís Thiago Dantas, em sua tese de doutorado, usa o termo Renascença Africana em sua tese para ressaltar o período de reemergência das pesquisas sobre africanidades, por intelectuais dos países africanos dentro e fora do continente.



O conceito de África foi uma construção da modernidade em que se procurou legitimar através da inferiorização deste continente o projeto colonialista (MUDIMBE: 1988). Assim sendo, se a reflexão partiu do projeto iluminista que tinha a pretensão de abordar o outro, ou o estrangeiro, de maneira que projetassem as virtudes e vícios similares ao “bom europeu”, percebe-se por trás desse tom emancipador a existência de uma legitimação imperialista através de diversos pensadores europeus, por exemplo, Montesquieu (1979), que em *O Espírito das Leis* descreve os negros como seres sem alma. Desse modo, não é gratuito que Hegel, na escrita da *Filosofia da História*, alega que a escravização europeia foi benéfica para os africanos, uma vez que lhes forneceu “a polidez e cultura de um povo elevado” (HEGEL, 2001, p. 112), inclusive por ter propiciado a inserção da humanidade nos africanos (DANTAS e SILVA, 2016, p. 42).

A desumanização dos africanos e seus descendentes foi cientificamente desenvolvido no Iluminismo, dando sustentação às teorias eugenistas em toda parte do mundo. Porém, as tentativas sistêmicas de apagamento da intelectualidade negra ocorreram desde tempos mais remotos.

O grande intelectual Théophile Obenga¹¹ (2004) afirmou que:

É um mero preconceito acreditar que a época filosófica da humanidade começa primeiro entre os gregos no quinto século a.E.C. Esse preconceito implica que outros povos antigos não se engajaram no pensamento especulativo. Sem dúvidas, o pensamento especulativo transcende a experiência, mas tenta sempre explicá-lo, interpretá-lo e unificá-lo para sistematizá-lo. O pensamento especulativo, usando aforismos, alusões, metáforas, métodos negativos ou positivos e dialética, pode ser oral ou escrito, está necessariamente ligado aos problemas da vida. (...) O espírito das filosofias Chinesa, Indiana, Africana, Européia e Maia podem diferir muito em seus tratamentos de um sujeito, mas a filosofia sempre lida com o conhecimento humano e a elevação da mente. A futura filosofia do mundo deve então levar em conta os grandes sistemas especulativos de toda a humanidade. Portanto, há uma necessidade urgente de ganhar alguma familiaridade com as tradições da filosofia Africana desde os tempos remotos até a era contemporânea. Eu tentarei apresentar a história antiga da filosofia Africana, colocando em foco o pensamento especulativo do antigo Egito [Kemet] (OBENGA, 2004, p. 1).

A questão que Obenga nos traz é que por mero preconceito foram excluídos dos cânones da história da ciência e da filosofia conhecimentos e cosmovisões de mundo das diferentes partes do Globo e, notadamente da África, onde está situado o berço da maior civilização antiga que temos conhecimento até o presente momento: o Egito. Contudo, a

¹¹ **Théophile Mwené Ndzalé Obenga** (1936) doutor em Letras e Ciências Humanas pela Sorbonne, é um acadêmico multidisciplinar. Ele estudou Filosofia, Linguística, História Comparada, Arqueologia Pré-histórica, Ciência da Educação e Egiptologia. Obenga lidera a *Revista Ankh*, uma publicação dedicada à Egiptologia e às Civilizações Africanas, baseada em Paris. Nela adota uma perspectiva epistemológica que posiciona o antigo Egito em seu "contexto africano natural" e como uma das antigas civilizações africanas negras. Théophile Obenga é autor de uma teoria da linguística histórica que batizou de “negro-egípcia”, esta identificaria propriedades comuns às línguas negro-africanas, estabelecendo uma relação genética entre as referidas línguas; incluindo os antigos egípcios e coptas.

partir do século XX - com as lutas anti-coloniais do continente africano - houve uma retomada histórica e epistemológica contra as negações do passado deste imenso continente.

Com o advento da globalização e a agilidade das redes de informações, podemos enumerar uma série de intelectuais africanos que têm trabalhado incansavelmente para desmascarar as falsidades e distorções históricas. Entretanto, em conformidade com DANTAS (2018), destacamos nesse trabalho os esforços intelectuais do senegalês Cheikh Anta Diop¹² e do congolês Théophile Obenga, ao compreender que ambos compartilham a tese de que a ciência ocidental e a filosofia grega tiveram influências diretas da civilização egípcia.

Cheick Anta Diop em suas pesquisas sobre o Egito nos comprovou que a origem do povo egípcio (Kemet) é negra. Segundo o pesquisador:

os egípcios tinham apenas um termo para designar a si mesmos: *kmt* = ‘os negros’ (literalmente). Esse é o termo mais forte na língua faraônica para identificar a cor preta, assim é escrito com um hieróglifo representando um pedaço de madeira com a ponta carbonizada, conhecida como raiz de *kamit* (...). Dela deriva, provavelmente, a raiz bíblica de *kam*. Portanto, foi necessário distorcer os fatos para fazer com que essa raiz atualmente signifique branco, em egiptologia, enquanto, na língua mãe faraônica de que nasceu, significava ‘preto-carvão’. Na língua egípcia o coletivo se forma a partir de um adjetivo ou de um substantivo colocado no feminino singular. Assim, *kmt* do adjetivo *km* = preto, significa rigorosamente ‘negros’, ou, pelo menos, ‘homens pretos’. O termo é um coletivo que despreveria, portanto, o do povo do Egito faraônico como povo negro (DIOP, 1974, p. 56 e 59).

As pesquisas de Diop sobre a origem do povo egípcio por meio dos fenótipos, costumes e das espiritualidades, tipicamente africanos, perturbaram as mentes colonializadas pela dificuldade destas em reconhecer uma civilização do porte do Egito Antigo, como uma civilização negro-africana, “já que não há nessa visão a possibilidade de povos negros terem produzido uma investigação lógica sobre o mundo (...). Diop foi

¹² **Cheikh Anta Diop** (1923-1986) estudou as origens da raça humana e a cultura africana pré-colonial. Traduziu parte da Teoria da Relatividade de Einstein para a língua *wolof*. Suas obras mais notáveis foram *A origem africana da civilização: mito ou realidade*, em que retrata o Egito Antigo, a partir de sua constituição negra, e *Os fundamentos econômicos e culturais de um Estado federal da África Negra*. Ao retornar ao Senegal, constrói um laboratório em que desenvolve a metodologia do teste de dosagem de melanina para identificar o teor dessas substâncias nas múmias egípcias. No *Primeiro Festival das Artes Negras* (FESMAN), em 1966 no Senegal, recebeu o Prêmio de escritor mais influente no pensamento africano do século XX. Na UNESCO, em 1974, escreveu um capítulo sobre as origens dos egípcios na História Geral de África.



um dos pesquisadores que contribuiu para a demarcação de um Egito geográfico e racialmente africano” (DANTAS, 2018, p. 95-96).

Mas como afirmado por Obenga (2004), é preciso alertar que até mesmo algumas mentes africanas brilhantes ainda rejeitam a tese de um Egito Negro, segundo o autor:

Como sabemos, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que não era historiador, mas um grande filósofo, declarou em suas palestras proferidas no inverno de 1830-31 sobre a história filosófica do mundo: “A África não é parte histórica do mundo; ela não tem movimento ou desenvolvimento para exibir... o Egito... não pertence ao espírito Africano” (1956, p. 99; grifo meu). Essa visão da filosofia hegeliana da história tornou-se quase uma opinião comum e um paradigma acadêmico na historiografia Ocidental (OBENGA, 2004, p. 3).

Contudo, as pesquisas de Diop avançaram e demonstraram que, linguisticamente, culturalmente e espiritualmente, os egípcios, assim como as demais civilizações africanas, tinham um intercâmbio e uma correspondência de costumes. Com isto, não seria possível compreender a cultura egípcia sem compreender as demais culturas africanas. Segundo ele, a “redescoberta do verdadeiro passado dos povos africanos não deverá ser um fator de divisão, mas contribuir para uni-los, (...) permitindo-lhes realizar, juntos, uma nova missão histórica” (DIOP, 1983, p. 36, apud. DANTAS, 2018, p. 99). Essa inquestionável missão histórica se refere tanto ao protagonismo negro em sua própria história quanto ao protagonismo negro no âmbito das origens do conhecimento ocidental. Segundo Obenga (2004):

Os antigos egípcios significavam por *rekh* ou *sai* um ‘ser humano sábio’ ou ‘filósofo’. Não foi apenas uma questão de palavras. Dois mil anos atrás, no antigo Egito, sem dúvida, a ‘inscrição de Antef’ deu a primeira declaração clara e distinta, apresentando o significado fundamental de um ‘filósofo’(...). Uma grande tradição filosófica e científica existia no antigo Egito. O filósofo era considerado alguém que podia penetrar em escritos antigos e se valer das instruções nele disponíveis. Essas obras constituíam uma tradição filosófica, isto é, um conjunto de ensinamentos (*sebayit*) vistos como um corpo coerente de precedentes que influenciam o presente. A história da filosofia já era, portanto, um sistema de filosofia. Imhotep¹³, Hor-Djed-Ef, Kagemni e Ptah-Hotep no Reino Antigo (2686-2181 a.E.C.) construíram a primeira tradição filosófica na história do mundo (OBENGA, 2004, p. 7).

¹³ O filósofo egípcio **Imhotep** (2.650 a.C.) foi conhecido como o 1º sábio da Humanidade. Dentre as muitas funções desenvolvidas por ele, projetou, como arquiteto-chefe, a pirâmide de degraus em Saqqara, no Egito, sendo a primeira construção em pedra lavrada da história mundial (OBENGA, 2004, p. 8). Tratado como chefe-médico da nação, criou o Tratado de Medicina, que tempos depois, ao ser usurpado/roubado/*descoberto* pelo pesquisador Edwin Smith, passou a ser conhecido como *Papiro de Edwin Smith*. Mais uma vez é possível evidenciar as pilhagens e epistemicídios históricos sofridos no continente africano.



Outra contribuição importante, dada pelo intelectual brasileiro Abdias Nascimento, é a citação da obra do historiador George G.M. James - *Stolen Legacy* (Legado Roubado) publicada em 1976. Na citação, o historiador afirma que:

O Egito foi o centro de um corpo de sabedoria antiga, e o conhecimento religioso, filosófico e científico se expandiu para outras terras através dos estudantes iniciados. Tais ensinamentos permaneceram por gerações e séculos na forma de tradição, até a conquista do Egito por Alexandre Magno, o movimento de Aristóteles e sua escola compilaram os ensinamentos egípcios e afirmaram que são gregos (...) Do século VI até a morte de Aristóteles (322 a.C) os gregos aproveitaram o melhor que puderam as chances de aprender o que pudessem sobre a cultura egípcia; muitos estudantes receberam instruções diretamente dos sacerdotes egípcios, porém, depois da invasão de Alexandre Magno, os templos reais e as bibliotecas foram saqueadas e pilhadas, e a escola de Aristóteles converteu a biblioteca de Alexandria em centro de pesquisas (JAMES, 1976, p. 1 e 13, apud. NASCIMENTO, 1980, p. 103).

Diante de tantas afirmações faz-se urgente repensar as narrativas e os discursos que imperam nos meios acadêmicos e escolares, pois “se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio” (FANON, 2008, p. 43). Também foi Frantz Fanon, em sua brilhante obra *Os Condenados da Terra*, que nos trouxe a impactante reflexão:

Cada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão. Cumpri-la ou traí-la. Nos países subdesenvolvidos, as gerações precedentes resistiram ao trabalho de erosão empreendido pelo colonialismo e ao mesmo tempo prepararam o amadurecimento das lutas atuais. (...) Foi preciso que mais de um colonizado dissesse “*Isso não pode mais durar*” (...) para que pudéssemos resistir com a certeza da vitória. Nossa missão histórica, para nós que decidimos perseguir o colonialismo, é organizar todas as revoltas, todos os atos desesperados, todas as tentativas abortadas ou reprimidas com sangue (...) É preciso não perder tempo repetindo que mais vale a fome com dignidade do que o pão com servidão. **É preciso, ao contrário, convencer-se de que o colonialismo é incapaz de fornecer aos povos colonizados as condições materiais capazes de fazê-los esquecer sua preocupação com a dignidade** (FANON, 2022. p. 207 a 209, *grifo das autoras*).

Na segunda metade do século XX, inspirados pelas reflexões dos teóricos africanos supracitados e da intelectualidade negra em diáspora, aqui no continente Americano, o debate sobre a identidade negra se avoluma, especialmente no período da luta pelos Direitos Civis, nos Estados Unidos. De acordo com Castiano (2013), três grupos despontam: 1) os *assimilacionistas*, pautados no pensamento de Frederick Douglass¹⁴,

¹⁴ **Frederick Augustus Washington Bailey** (1818-1895) muda seu nome para **Frederick Douglass**, após conseguir escapar da escravidão, em Maryland, onde emergiu como um líder de destaque no movimento abolicionista, exercendo sua influência tanto em Massachusetts quanto em Nova York. Sua Revista da ABPN • v. 17, Edição Especial / Novembro • 2023



acreditavam que os ideais americanos já estavam estabelecidos no país e cabia aos negros apenas lutar para que fossem assimilados, ou seja, incorporados nesses ideais sem exigir especificidades baseadas na cor, raça, cultura e religião; 2) os *acomodacionistas*, balizados pelos ideais de Booker Washington¹⁵, ao compreenderem que não deveriam desafiar a hegemonia política e econômica dos brancos, defendiam o movimento de preparar politicamente a população negra para, no futuro, ocuparem os cargos da mais alta hierarquia política e econômica; 3) o *Outlaw* (a integração pluralista), proposta por Du Bois, que previa um tipo de integração social que manteria a diversidade étnica, política e econômica de cada grupo, onde *raça* era um importante conceito a ser trabalhado pela História, Sociologia e Antropologia Cultural (CASTIANO, 2010). Embora todos os pensadores das vertentes anteriormente citadas não fossem filósofos, seus pensamentos e textos vão influenciar pensadores americanos na área social, política e econômica.

AFROCENTRICIDADE: UMA ESCOLA DE PENSAMENTO FILOSÓFICO

No final do séc. XIX, a violência racial, nos EUA, se intensifica a partir de uma nova perspectiva eurocêntrica, que se entrelaça com a marcação física e psicológica dos daqueles da diáspora, que foram arrancados do continente africano. Nesse contexto, o prefixo "afro-" (afro-americanos, afro-brasileiros, afro-colombianos, etc.) passa a acompanhar essas identidades de maneira permanente. Isso cria uma conexão com nossa ancestralidade, mas também se torna um mecanismo complexo de rejeição e controle,

eloquência notável e suas análises contundentes da instituição escravista nos Estados Unidos, assim como de outras injustiças e disparidades sociais no país, o conduziram a um status nacionalmente reconhecido. Sua obra mais notável, *Narrativa da Vida de Frederick Douglass, um Escravo Americano*, (Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave) publicada em 1845, merece destaque por sua natureza autobiográfica. Essa obra singular proporcionou uma voz aos escravos, permitindo-lhes relatar de maneira vívida e autêntica as experiências da vida em cativeiro. Através dessa narrativa, Douglass contribuiu significativamente para a conscientização sobre a crueldade da escravidão e sua intenção de erradicá-la.

¹⁵ **Booker Taliaferro Washington** (1856-1915). Apesar das críticas vindas de líderes da NAACP (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor), Booker T. Washington emergiu como o líder mais proeminente de seu tempo na fundação de instituições educacionais para negros nos Estados Unidos. Com sua abordagem política, filantrópica e educacional, ele conquistou reconhecimento acadêmico e foi agraciado com honras notáveis. A filosofia e o incansável esforço de Washington no âmbito das iniciativas educacionais o conduziram a angariar apoio moral e financeiro de diversos filantropos brancos, os quais contribuíram para financiar instituições como as universidades de Hampton e Tuskegee. Iniciadas originalmente com a intenção de formar professores, essas universidades graduaram indivíduos que retornaram às suas comunidades no Sul, para trabalhar nas escassas escolas existentes, muitas vezes com recursos limitados.



refletindo hierarquias arraigadas na sociedade que foram moldadas por padrões eurocêntricos.

Conforme Castiano (2010), é dentro de um cenário de diferentes formas de discriminação em torno da comunidade negra, pertencente aos Estados Unidos, que surge o pensamento filosófico da Afrocentricidade, sendo este um mecanismo de combate a inferiorização da população negra dentro da sociedade americana. Portanto, a Afrocentricidade como uma corrente de pensamento nascida na América do Norte, que tem como base epistemológica os pressupostos apontados por Willian E. B Du Bois¹⁶, Cheikh Anta Diop, Théophile Obenga e Martin Bernal¹⁷, como anunciou Willian E. B Du Bois (1998), no início do século XX, “não branqueará sua alma negra numa torrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo” (p. 39).

Os pesquisadores, anteriormente mencionados, criaram as bases epistemológicas necessárias para a construção de teorias desde e em África. Portanto, acreditamos que a mensagem prevista por Du Bois, possa ter sido desenvolvida na segunda metade do século XX por Molefi Asante com a proposta teórico-metodológica da **Afrocentricidade**. Segundo o idealizador dessa proposta existe uma lacuna entre os estudos sobre África, os estudos dos africanos e os dos africanos em diáspora ao redor do mundo:

¹⁶ **William Edward Burghardt Du Bois** (1868-1963), sociólogo e historiador da Universidade de Harvard, destaca-se como o primeiro afro-americano a conquistar um doutorado após completar sua pós-graduação na Universidade Friedrich Wilhelm. Conhecido como um dos pioneiros do pan-africanismo, W.E.B. Du Bois desempenhou um papel fundamental na evolução e consolidação da noção de unidade pan-africana. Sua contribuição inestimável inclui a organização de diversos congressos pan-africanos com o objetivo de emancipar as colônias africanas das potências europeias. Além disso, Du Bois se destacou como um defensor do movimento sufragista feminino nos Estados Unidos, demonstrando seu compromisso com a igualdade de gênero. Uma de suas obras notáveis, intitulada *Suppression of the African Slave Trade* (A Supressão do Tráfico de Escravos Africanos), apresenta uma análise perspicaz do comércio de escravos nos Estados Unidos. Com sua abordagem, ele ofereceu uma nova perspectiva sobre esse aspecto da história.

¹⁷ **Martin Bernal** (1937-2013) estudioso britânico de ascendência judaica, iniciou sua carreira estudando a história política chinesa moderna. Porém é mais conhecido por sua monumental obra *Black Athena*, uma série de três livros onde argumenta que a cultura, a língua e a estrutura política da Grécia Antiga continham influências substanciais do Egito e da Síria-Palestina. Bernal aprofunda as teses de Anta Diop sobre o Egito Antigo, quando começa a estudar o hebraico e descobre semelhanças entre ele e o grego. Bernal chegou à conclusão de que os antigos relatos gregos sobre a influência egípcia em sua civilização deveriam ser levados a sério. O primeiro volume de *Black Athena* é dedicado a apresentar as raízes afro-asiáticas da civilização clássica. Depois ele dedicou seus últimos vinte anos a rebater as críticas levantadas sobre sua obra, escrevendo os próximos dois volumes de *Black Athena*, com o segundo volume dedicado a evidências arqueológicas e documentais, e o terceiro a evidências linguísticas.



É na tentativa de recuperar esta lacuna, nomeadamente o isolamento da filosofia afro-americana do debate dos seus colegas africanos em África ou na diáspora, que se deve compreender as incursões teóricas de Molefi Asante. **Afrocentricidade** e a **Africologia** que ele propõe são produtos de uma tentativa de recentrar a África e o seu debate epistemológico na inteligência americana, particularmente na teoria literária, sociologia, história, arte, música e retórica. **Afrocentricidade** é como veremos, um conjunto de princípios que nos deve guiar, assim crê Asante, como africanos se quisermos articular ou produzir conhecimento de natureza científica em qualquer área (CASTIANO, 2013, p. 128, *grifo das autoras*).

Molefi Asante afirma que é necessária muita seriedade àqueles que desejam sustentar pesquisas com bases epistemológicas *afrocentristas*, pois é preciso ter compromisso com: 1) o interesse pela localização psicológica (seu lugar geopsíquico); 2) a capacidade de olhar do ponto de vistas de nós negros, africanos ou afrodiaspóricos; 3) a descoberta do lugar do sujeito (o protagonismo na História e seu lugar de fala); 4) a defesa dos nossos elementos culturais; 5) precisamos ter compromisso com uma nova narrativa da História da África e dos afrodescendentes em diáspora; 6) por fim, o refinamento léxico, ou seja, com um refinamento na linguagem, pois, toda linguagem é epistêmica. Nossa linguagem deve contribuir para o entendimento de nossa realidade (ASANTE, 2009).

A Afrocentricidade não se trata de falar sobre o continente africano numa perspectiva de *objetificação*, assim como as pesquisas científicas eurocêntricas fazem. Busca-se uma *subjetificação* do que se é pesquisado e do pesquisador. “No passado estudávamos a África em sua relação com a Europa, e não como as culturas africanas se relacionavam entre si. Era o modelo de pesquisa colonial, aperfeiçoada por franceses e ingleses.” (ASANTE, 2009, p.101).

A Afrocentricidade precisa dos valores do local cultural. Nesse momento, podemos pensar de uma forma audaciosa em diferentes contextos históricos. No livro *Da totalidade ao lugar* (SANTOS, 2002), voltado para um viés mais geográfico, Milton Santos (2002) elenca que a história não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço é social. Diferentes locais em que os negros foram contidos vão influenciar e construir, mesmo condicionados ao racismo, formações históricas específicas que só irão existir nessa espacialidade. Por isso, o padrão construído pelos países europeus não serve para filosofar a história dos africanos - pertencentes a diferentes culturas e nações do continente africano - tampouco para os descendentes da diáspora negra.



Afrocentricidade e a Educação

Em um vídeo, Asante (2016) questiona sobre o resultado de 246 anos do deslocamento forçado da população africana para o continente americano. O autor destaca que o termo deslocamento não se refere apenas à questão física da saída de um continente para outro, mas dos deslocamentos psicológicos, econômicos, culturais, linguísticos e tantos outros que afetaram a população negra a ponto de não reconhecerem mais a sua humanidade. Asante (2014) salienta que “a colonização não era apenas uma questão da terra, era uma questão de colonizar informações sobre a terra.” (p. 118). Daí parte pensar o quanto cristalizar uma história “única”, a partir da perspectiva eurocêntrica, contribuiu e contribui para aprisionar os corpos, a cultura e a história da terra explorada, barrando as tentativas de resistência aos processos de colonização.

A Afrocentricidade busca romper com essa barreira a partir do processo de conscientização dos povos explorados. Há três grandes movimentos centrais para o afrocentrismo: (i) realizar uma crítica profunda ao eurocentrismo; (ii) conscientizar a população sobre o exílio e o sequestro dos africanos pelos europeus; e (iii) afirmar o lugar de sujeito dos africanos (ASANTE, 2009).

Em relação a crítica ao eurocentrismo, Asante (2019) destaca que:

Deve-se enfatizar que a Afrocentricidade não é a versão negra do eurocentrismo. O eurocentrismo é baseado em noções de supremacia branca cujos propósitos são proteger o privilégio e vantagens da população branca na educação, na economia, na política e assim por diante. Diferentemente do eurocentrismo, a afrocentricidade condena a valorização etnocêntrica às custas da degradação das perspectivas dos outros grupos. Além disso, o eurocentrismo apresenta a história particular e a realidade dos europeus como conjunto de toda experiência humana (ASANTE, 1987). Ele impõe suas realidades como se fossem o “universal”, isto é, apresentando o branco como representante da condição humana, enquanto todo não-branco é visto como um grupo específico, portanto, não “humano” (ASANTE, 2019, p. 138).

O paradigma ocidental, o eurocentrismo, aprisiona ao considerar que há uma histórica única e universal centrada na Europa. Asante (2019) assinala que a afrocentricidade no campo educacional é um ponto de partida para pensar o multiculturalismo¹⁸. Busca-se deslocar a perspectiva da produção de conhecimento,

¹⁸ O multiculturalismo é um movimento que surgiu nos EUA dos anos 60 propondo a valorização das diversidades. No entanto, ela foi ancorada numa época de lutas pela inserção do negro na sociedade, sem questionar as relações de poder existentes. Hoje, o ideal seria utilizar o conceito de uma visão

tornando as populações não-brancas conscientes e protagonistas de sua própria história, reconhecendo-se enquanto produtores de conhecimento que tem sua origem em raízes diferentes do padrão europeu.

Asante (2019), relata sobre a educação nos Estados Unidos em que não há a menção sobre a brutalidade que foi o tráfico da população africana:

Pouca menção é feita nas salas de aula americanas sobre a brutalidade da escravidão ou sobre a celebração da liberdade dos ex-escravos. As crianças americanas têm pouca ou nenhuma compreensão sobre a natureza da captura, transporte e escravização dos africanos. Poucos aprendem os verdadeiros horrores de ser capturado, ser enviado nu por 25 dias ao longo do oceano, de ser destruído pelo abuso e indignidades de todos os tipos e desumanizado como um burro de carga, uma coisa sem nome (ASANTE, 2019, p. 142).

Por mais que sua abordagem não seja da educação brasileira, é impossível não fazer um paralelo sobre essa realidade nas nossas salas de aula. A Lei n.º 10.639/03 vem demarcar essa urgência na formação básica e, conseqüentemente, na formação de professores. Mais adiante, Asante (2019) descreve a potencialidade da Afrocentricidade:

Se nossos estudantes soubessem somente a verdade, se a grande escravização lhes fossem ensinadas pela perspectiva afrocêntrica e se eles soubessem toda a história sobre os eventos desde a escravidão que tem servido constantemente para deslocar os afro-americanos, seu comportamento talvez fosse diferente (ASANTE, 2019, p. 142).

A hipótese apresentada ao fim dessa citação, apresenta uma curiosidade para nós, professoras: qual seria o comportamento dos nossos estudantes ao se deparar com a história contada a partir da perspectiva negra? Como belamente anunciado pelo sambanredo campeão de 2019, da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira:

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
(...)
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos

pluricultural, de acordo com Prof. Dr. Renato Nogueira, que propõe a emersão das pluralidades culturais em pé de igualdade com a cultura europeia.



Eu quero um país que não está no retrato
(...)
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
(MANGUEIRA, 2019)

Assim como o samba enredo da Mangueira, falaremos ao Brasil, de um Brasil em que a resistência, a cultura, a história e tantos outros elementos ancestrais das populações negras e indígenas foram importantes para a construção do país. Portanto, criticar o eurocentrismo e disputar por uma educação afrocentrada não é substituir um pelo outro, mas sim subverter a lógica dos opostos e ampliar o debate para outros modos de ser e viver.

Pensando novos caminhos para a formação dos Profissionais da Educação

Atualmente a escola é composta por várias categorias profissionais, além de professores, como por exemplo, assistentes sociais e psicólogos, que por meio da Lei n.º 16.683/07¹⁹ tornou obrigatória a presença e atuação desses profissionais nos estabelecimentos de ensino das redes públicas municipais e estaduais do Brasil. Portanto, é preciso repensar o campo de formação dos professores e demais agentes educacionais, pois a transformação proposta pode afetar os movimentos sociais, as institucionalidades e promover novas políticas de ações afirmativas que reivindicam os olhares pluriversais.

A entrada desses novos agentes educativos, juntamente com os professores, gera a necessidade de transformações estruturais, pois levando em consideração a realidade da formação sócio-histórica do nosso país, sabemos que tanto a formação acadêmica desses profissionais da educação, quanto a realidade das famílias atendidas é atravessada pelo

¹⁹ A Lei n.º 16.683/07, que prevê o acompanhamento social nas escolas, foi alterada pela Lei Federal n.º 13.935/19, que instituiu as equipes multiprofissionais nas escolas, sendo mantidas pelos recursos do novo FUNDEB.



racismo estrutural. Uma breve e elucidativa conceituação sobre o racismo estrutural é feita por Silvio de Almeida (2019) é que quando se pensa em racismo, sempre é imaginada uma situação de violência ou ofensa direta contra alguém, porém o racismo não é um fenômeno pontual, ocasional, nem algo anormal, ligado à falta de caráter. É algo que estrutura o cotidiano da nossa sociedade. Uma forma de normatização, que constitui as ações conscientes e inconscientes de cada indivíduo. Ele pode ser percebido na economia, na política, nas instituições e na *subjetividade da vida*.

Entretanto, o racismo à brasileira tem suas peculiaridades. Conforme analisado pelo ilustre Prof. Dr. Kabengele Munanga²⁰:

Por causa da ausência de leis segregacionistas, os brasileiros não se consideram racistas quando se comparam aos norte-americanos, sul-africanos e aos alemães nazistas. Em outros termos, os brasileiros se olham nos espelhos desses países e se percebem sem nenhuma mácula, em vez de fitarem o próprio espelho. Assim, ecoa dentro de muitos compatriotas uma voz muito forte que grita: “*Não somos racistas, os racistas são os outros!*” Essa voz forte e poderosa é o que chamo de inércia do mito da democracia racial brasileira. Como todos os mitos, funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. Daí a dificuldade para arrancar do brasileiro uma confissão de que também seja racista (MUNANGA, 2017, p. 37-38).

Diante das sistemáticas violências físicas, psíquicas e históricas sofridas pelo povo negro, proporcionadas pelo racismo, especialmente no Brasil, faz-se necessária uma mudança de posição metodológica e epistemológica no fazer pedagógico. Em outras palavras, há uma urgente necessidade de enfrentamento dos currículos educativos eurocêntricos em todas as esferas da educação, como também uma reformulação dos projetos políticos pedagógicos, para incluir práticas formativas que atendam a toda comunidade escolar e universitária. Os desafios desta proposta se encontram na verdadeira inclusão epistemológica de teóricos afrocentrados e no acesso a experiências formativas de caráter vivencial com comunidades afrocentradas, não como objetos de estudo, mas sim como fontes de conhecimento.

Tendo em vista que a maioria dos profissionais de educação não teve formação sobre ciências, culturas, histórias, tecnologias ou filosofias africanas e afro-brasileiras,

²⁰ **Kabengele Munanga** (1940) é antropólogo com um extenso currículo na área de Antropologia e de Estudos Africanos. Em 2023 tornou-se Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, na qual foi o 1º professor africano e o 1º negro a lecionar nesta universidade. Autor de mais de 150 publicações (livros, capítulos de livros e artigos científicos).

acaba por perpetuar os discursos eurocêntricos. As transformações propostas pela Lei n.º 10.639/03, que completa 20 anos, ainda não conseguiram mudar a estrutura curricular. Essa mudança só será possível por meio da transformação do currículo na formação dos professores e demais profissionais de ensino no Brasil, caso contrário, o ciclo de reprodução do discurso exclusivo (universalista e eurocêntrico) será reproduzido nas escolas e universidades. Conseqüentemente, essa reprodução será expandida entre os agentes que cercam essas instituições, como gestores, lideranças sociais, famílias e dentro outros.

No caso dos professores que não tiveram acesso a esse conteúdo, há uma série de dispositivos legais que foram criados para subsidiar a implementação da referida lei, e são voltados para esse público, incluindo outros profissionais da educação inicial e continuada. Alguns deles são: Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004)²¹, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009), o Estatuto da Igualdade Racial (2010) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012). Entretanto, esse arcabouço legal é pouco conhecido pelas instituições, o que limita sua aplicabilidade e, portanto, a celeridade das transformações propostas por eles mesmos. Oliveira e Nascimento (2016), refletem sobre como:

(...) o racismo epistemológico se constituiu e as conseqüências desse fenômeno podem ser verificadas quando observarmos que os conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos de graduações nas universidades brasileiras pautam e reverenciam matriz europeia. Isso fica evidente ao ponderarmos que um estudante ao fim de seu curso de 4 ou 5 anos na graduação, poderá concluí-lo sem nunca ouvir ou estudar Abdias Nascimento (1980) e o Teatro Experimental do Negro (TEN) e intelectuais como Lélia Gonzáles (1983) e Conceição Evaristo (2011) (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2016, p. 184)

No entanto, cabe esclarecer que autores como Da Silva e Da Rocha (2020) defendem que as deficiências advêm das lacunas estruturais da Lei n.º 10.639/03, que perpetuam conteúdos programáticos eurocentrados, dando continuidade aos ensinamentos tradicionais sem que as abordagens temáticas sejam debatidas por sujeitos históricos

²¹ Os números entre parênteses referem-se aos anos de publicação dos documentos.
Revista da ABPN • v. 17, Edição Especial / Novembro • 2023



diversos. Portanto, compreendemos que os afrodescendentes e os indígenas ficam fora do debate educacional, e quando são incluídos, seus conhecimentos são abordados de forma superficial, pormenorizados, como simples experiências de uma vida *exótica*, mas nunca como fontes de conhecimento. Isto deve-se ao fato dos currículos incluírem conteúdos como danças, religiões, tradições, comidas tradicionais - temas da cultura geral - como se fosse uma forma de inclusão da temática étnico-racial. Tal situação pode ser justificada, pois:

Aprender essa diversidade, conviver e enfrentá-la parece ser um receio da pedagogia e da educação escolar. Porque nós professores, ainda somos formados, como profissionais, para lidar com a uniformidade e com a homogeneidade. Essa pedagogia da homogeneidade esconde sempre atrás do discurso da igualdade, o qual sempre encontrou grande aceitação entre os docentes, de todos os segmentos: progressistas, conservadores, de diferentes crenças e posições ideológicas (GOMES, 2006, p. 29).

Se confrontar os padrões eurocêntricos, que buscam uma *certa* homogeneidade, é complexo, mas necessário, também é imprescindível um olhar crítico e de aceitação para os diferentes corpos sem separá-los da sua capacidade racional e afetiva, como fonte de conhecimento. Segundo a intelectual nigeriana Oyèrónké Oyèwùmi²² (2021):

(...) até recentemente, a história das sociedades ocidentais tem sido apresentada como uma documentação do pensamento racional em que as ideias são enquadradas como agentes da história. Se os corpos aparecem, eles são articulados como o lado degradado da natureza humana. O foco preferido tem sido na mente, elevada acima das fraquezas da carne. No início do discurso ocidental, surgiu uma oposição binária entre corpo e mente. O tão falado dualismo cartesiano era apenas uma afirmação de uma tradição na qual o corpo era visto como uma armadilha da qual qualquer pessoa racional deveria escapar. Mulheres, povos primitivos, judeus, africanos, pobres e todas aquelas pessoas que foram qualificadas com o rótulo de “diferente”, em épocas históricas variadas, foram consideradas como

²² **Oyèrónké Oyèwùmi**, nascida na Nigéria e radicada nos EUA, é professora Associada de Sociologia na Universidade de Nova York, sobre gênero, globalização, teoria feminista transnacionais, estudos africanos e estudos pós-coloniais. Recebeu prêmios por suas publicações, dentre elas a mais conhecida obra: *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, que ganhou o *Prêmio Nacional do Livro* em 1998. Seu trabalho interdisciplinar se concentra em um ponto de vista africano que está sub-representado na academia, as reflexões do cotidiano desses povos. Levantando questões teóricas para um vasto leque de disciplinas como a Sociologia, a Ciência Política, os Estudos Femininos, a Religião, a História e a Literatura. Oyèrónké desenvolve sua pesquisa fora da influência dos estudos ocidentais. Segundo a autora, tendo crescido em uma família africana grande, abastada e mais "tradicional", em nítido contraste com muitos de seus amigos, tornou-se profundamente consciente da variedade de organizações familiares na sociedade nigeriana. Ela critica as reivindicações feitas no feminismo americano sobre a submissão das mulheres em todas as sociedades e em todos os tempos. Concluiu que essa suposição da universalidade da condição mulher por parte da ciência ocidentalizada era uma visão historicamente equivocada para outras tradições e conformações familiares, especialmente em África.



corporalizadas, dominadas, portanto, pelo instinto e pelo afeto, estando a razão longe delas. Elas são o Outro, e o Outro é um corpo (OYÈWÙMI, 2021, p. 41).

Repensar os corpos, as afetividades e a razão, fora dos padrões eurocêntricos, é assumir nossa diversidade afrodiáspórica em intelectualidades, mas também corporalidades, aptidões, posições psíquicas, posturas cotidianas, etc., como propõe Lélia Gonzalez²³ (2020):

Nesse sentido, vale ressaltar que a maioria das crianças negras, nas escolas de ‘primeiro grau’, são vistas como indisciplinadas, dispersivas, desajustadas ou pouco inteligentes. O sistema de ensino destila em termos de racismo: livros didáticos, atitudes dos professores em sala de aula e nos momentos de recreação apontam para um processo de lavagem cerebral de tal ordem que a criança que continua seus estudos e que por acaso chega ao ensino superior já não se reconhece mais como negra. E são exatamente essas “exceções” que, devidamente cooptadas, acabam por afirmar a inexistência do racismo e de suas práticas. Quando se dá o oposto, isto é, a não aceitação da cooptação e a denúncia do processo superexploração a que o negro é submetido, surge imediatamente a acusação de “racismo às avessas” (GONZALEZ, 2020, p. 33-34).

A superação do aprisionamento do corpo negro forjado pelos currículos escolares e universitários homogeneizados, traz consigo a necessidade de implementar uma nova proposta curricular. O pensamento filosófico da Afrocentricidade é uma das possibilidades para uma ação revolucionária, tanto para a superação dos círculos viciosos da formação educacional brasileira, quanto para a construção de uma sociedade antirracista.

A mudança desejada vai além do mero discurso e do currículo escolar; ela visa capacitar os estudantes afro-brasileiros para desenvolverem autoconfiança. Dessa maneira, ao lutar pela capacitação das classes historicamente marginalizadas nas escolas, como explicado por Candau (2011), o objetivo é alcançar o que o próprio autor chama de

²³ **Lélia Gonzalez** (1935-1994) foi uma intelectual pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e co-fundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ) e do Movimento Negro Unificado (MNU). No início de sua vida no Rio, filha de pai ferroviário e mãe faxineira, ela trabalhou como empregada do lar e babá. Apesar das dificuldades, em 1954, Lélia concluiu os estudos no Colégio Pedro II. Graduiu-se em História e Filosofia pela atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e trabalhou como professora da rede pública de ensino. Mestre em Comunicação Social. Doutora em Antropologia Política dedicando sua pesquisa em gênero e etnia. Foi professora e chefe de departamento na PUC/Rio de Janeiro. Ajudou a fundar instituições como o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum. Sua militância em defesa da mulher negra levou-a ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) entre 1985-1989. Também foi candidata a deputada federal pelo PT e a deputada estadual pelo PDT ficando como suplente. Seu trabalho envolve a luta contra o racismo estrutural, a desigualdade de gênero vinculada à raça (enfoque do Feminismo Negro) e à crítica ao conceito de democracia racial. A autora também é conhecida por ter desenvolvido os conceitos de *Amefricanidade* e *Pretuguês*.



"empoderamento", que também possui uma dimensão coletiva. Esse conceito implica no apoio a grupos sociais minoritários, discriminados e marginalizados, entre outros, com o propósito de promover a organização e participação ativa desses grupos nos movimentos da sociedade civil. As ações afirmativas surgem como estratégias alinhadas a essa perspectiva, buscando melhorar as condições de vida desses grupos marginalizados, o que inclui a superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e religiosa, bem como das desigualdades sociais.

CONCLUSÃO

Diante de tantas oclusões e lacunas proporcionadas por séculos de protagonismo ocidental nas pesquisas científicas e filosóficas, reconhecemos as monumentais contribuições das Filosofias Africanas na nossa formação atual, e infelizmente, os enormes epistemicídios sofridos ao longo da nossa trajetória educacional.

Ao fim desse trabalho, reafirmamos a necessidade da aplicabilidade das supracitadas leis que abrem caminhos para a promoção de um fazer pedagógico diferenciado e, porque não, pautado nas bases da escola de pensamento da Afrocentricidade. Acreditamos que com a implementação dos seus referenciais teóricos nos currículos escolares e universitários, assim como nos movimentos sociais, é possível que, pouco a pouco, os preconceitos e críticas, ainda existentes, com o tempo, sejam superados.

Percebemos, também, ao longo deste estudo e da disciplina *Filosofias Africanas e Afrodiáspóricas* os silenciamentos de intelectuais negros. Quando pensamos na questão de gênero isto fica ainda mais latente em nossas análises. Se por um lado foi difícil encontrar a biografia de intelectuais negros, ao nos debruçarmos em intelectuais negras percebemos um duplo silenciamento, tanto em relação a questão autoral quanto de suas influências. Onde está o reconhecimento das contribuições de: bell hooks, Sueli Carneiro, Ifi Amadiume, Oyèrónké Oyèwùmí, Chimamanda Ngozi Adichie, Sokari Ekine, Grada Kilomba, Katiuscia Ribeiro, Paulina Chiziane, Conceição Evaristo? Quem as inspirou? Qual a influência dessas autoras para as reflexões acadêmicas, que hoje fazemos nos mais variados campos das Ciências Sociais e Filosofias? O que a Universidade tem feito com o conhecimento produzido por elas?



No intuito de minimizar as tentativas sistemáticas de apagamento das contribuições desses intelectuais ao longo de suas carreiras, optamos, nesta escrita, reforçar nas notas de rodapé essas contribuições. Essa interseção complexa nos incentiva a reconhecer a importância de abordar tanto a 'raça' quanto o gênero de maneira holística, a fim de compreender as dinâmicas subjacentes que moldam nossas sociedades e nossas lutas por igualdade e justiça.

Continuaremos seguindo os passos de pesquisadores(as) brasileiras ancestrais e contemporâneos(as) que lutaram para que tal proposta fosse aqui adaptada e implementada. Pois, parafraseando a intelectual e poetisa Conceição Evaristo (2017): *“Nossa escrita é contaminada pela condição de mulher negra (...) Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos”*.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). *Afrocentricidade*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-127.

ASANTE, Molefi Kete. **Molefi Kete Asante - Afrocentric Education**. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YVtR71DMpk0>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CANDAU, V. (Org). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

CASTIANO, José Paulino. **Referencial III: A Afrocentricidade**. In: *Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjetivação*. Maputo: Ndjira, 2010, pp. 124-147.

DANTAS, Luis Thiago Freire. **Filosofia desde África**: perspectivas descoloniais. 2018. 230 f. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/54739>. Acesso em: 7 ago. 2023.



DANTAS, Luís Thiago. **A filosofia africana e o ensino de filosofia no Brasil.** 2019. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/noticias-anpof/a-filosofia-africana-e-o-ensino-de-filosofia-no-brasil--luis-thiago-freire-dantas>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DANTAS, Luís Thiago Freire; DA SILVA, Roberto Jardim. **O ESTATUTO ONTOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO AFRICANO EM TOWA E OBENGA.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 8, n. 20, p. 39–56, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/7>. Acesso em: 16 ago. 2023.

DA SILVA, Andressa Queiroz; DA ROCHA, Flávia Rodrigues Lima. **FORMAÇÕES DE PROFESSORES E A LEI 10.639/03: POR UMA DESCOLONIZAÇÃO DO (S) SABER (ES) NA ESCOLA.** Revista Em Favor de Igualdade Racial, v. 3, n. 1, p. 02-20, 2020.

DIOP, Cheikh Anta. **Origem dos antigos egípcios.** In: MOKHTAR, Gamal (Org.). História Geral da África: a África Antiga. São Paulo: Ática; Unesco, 1974, p. 39-70. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000110340.locale=en>. Tradução disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/cheikh_anta_diop_-_origem_dos_antigos_egipcios.pdf.

DU BOIS, W.E.B. **As Almas da Gente Negra.** Tradução de José Luís Pereira da Costa. Porto Alegre, 1998.

EVARISTO, Conceição. **"Não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário"**, diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras. TvBrasil. 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Pan-africanismo:** o conceito que mudou a história do negro no mundo contemporâneo. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/pan-africanismo-o-conceito-que-mudou-a-historia-do-negro-no-mundo-contemporaneo>. Acesso em: 14 ago. 2023.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia:** romance da história da filosofia. Editora Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Ana Paula Pereira. **Respondendo às perguntas de professores da rede pública sobre a questão racial.** In. ABRAMOWICZ, ANETE; BARBOSA, Lucia Mari de Assunção; VALTER, Roberto Silvério (orgs.). Educação como prática da diferença. São Paulo: Campinas, 2006. p. 123-130

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.



IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 20 jul. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro** – processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

OBENGA, Théophile. **Egypt**: Ancient History of African Philosophy. In: KWASI, Wiredu (ed.). *A Companion to African Philosophy*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p.31-49.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de; NASCIMENTO, Sergio Luis do. **A Construção do Legado**: A Negação de uma Epistemologia Filosófica Africana. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 177–194, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/31>. Acesso em: 7 ago. 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A Invenção das Mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: USP, 2002. p. 322.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo, Edusp: 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2006.

Recebido em: 18/08/2023

Aprovado em: 19/08/2023